

Conectando orações de *hu* a *onde*. E para onde mais?

Marilza de Oliveira¹

Priscilla Barbosa Ribeiro²

Hélcio Batista Pereira³

Introdução

As gramáticas e os manuais da imprensa paulista contemporânea, assumindo a função normalizadora de regras linguísticas, são taxativos quanto ao emprego do elemento *onde*, reconhecendo-lhe o caráter invariável em termos de traços funcionais e a função de adjunto adverbial de lugar¹, inclusive na articulação de orações, ou seja, na função relacional.

Ignorando a variabilidade de usos de partículas como *onde* ou relegando o uso não-padrão à condição de *erro* ou *desvio*, tais gramáticas concebem a língua como um sistema homogêneo, esquivando-se das *incoerências* sugeridas pelos dados reais, as quais em uma perspectiva alternativa "... seriam explicáveis dentro de um modelo mais adequado de uma língua diferenciada aplicado à comunidade de fala em seu todo, modelo que inclui elementos variáveis dentro do próprio sistema" (Weinreich, Labov & Herzog, 2006:104 [1968]).

A partir dessa perspectiva, propomo-nos a discutir as seguintes questões:

¹ Professora Titular da área de Filologia e Língua Portuguesa da Universidade de São Paulo.

² Doutoranda em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

³ Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo.

⁴ Nesse sentido, os Manuais seguem as instruções da Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) que, por sua vez, ignora os complementos circunstanciais (Rocha Lima, 1972).

1. Quais as funções semânticas e sintáticas que *onde* pode assumir na frase?
2. Como se explicam as diferentes funções? Quais são os fatores condicionantes da diversidade de funções de *onde*, conforme a perspectiva descritiva de Oliveira (1998)?
3. Essas funções são exclusivas do Português Brasileiro?

Neste trabalho⁵, as questões que envolvem o emprego de *onde* serão analisadas em dois tempos: no Português Medieval (PM), mais precisamente em amostras de textos do final dos trezentos até meados dos quatrocentos, e no Português Brasileiro (PB). Do primeiro período, será analisado o texto de cunho religioso *Orto do Esposo* (doravante **OE**), de autor desconhecido, mas contemporâneo de Fernão Lopes. As outras duas amostras são formadas com os textos dos cronistas históricos ao tempo do rei D. Afonso V, Fernão Lopes e Eanes Zurara. O primeiro esteve a serviço do rei até o ano de 1454 e em 1443 finalizou a primeira parte da *Crônica de D. João I* (doravante **CDJ**), texto que tomamos como fonte de dados. O segundo, Zurara, iniciou a redação da *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses* (doravante **CDP**) por volta de 1458, de que nos servimos para o estudo das estruturas relativas introduzidas pelo elemento *onde*. O lapso de tempo que separa os dois textos é de aproximadamente 15 anos. Para a análise do *onde* no PB, utilizamos material acadêmico (resumos de teses e dissertações) de diferentes áreas científicas, produzido entre 2001 e 2010 na Universidade de São Paulo, e disponível na internet. Optamos por essa composição, uma vez que espelha uma modalidade culta do português atual.

Avaliando os usos nos séculos XIV e XV, tentaremos dar conta do *problema da transição*, tal qual proposto por Labov (2008) e Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), reconstruindo a trajetória dos usos de *onde*. Seguindo ainda o programa proposto por estes autores, buscaremos respostas ao *problema da implementação* das mudanças nesta partícula - estudando suas razões e motivações, recorrendo a uma interpretação dos fatos linguísticos a partir do fenômeno da gramaticalização, descrito por Heine e Kuteva (2007) e Hopper e Traugott (1993). A partir desse mapeamento, teceremos algumas considerações sobre os usos de *onde* no PB.

⁵ O trabalho se inscreve no âmbito do Projeto Temático de Equipe "História do Português Paulista" (Fapesp/Proc. 06/55944-0).

1. Um panorama dos traços normativos de *onde*

As gramáticas históricas apontam a existência de duas entradas lexicais no latim com a função de articulador sentencial em que se dá primazia ao traço locativo: a forma latina *ubi* que explicitava a ideia de localização estática e a forma *unde* que indicava o lugar de procedência. O português herdou esses dois itens atribuindo-lhes significados semelhantes, pois ambos passaram a ser usados na presença ou não de preposições, retirando assim o valor estativo de *ubi*, reduzido a *hu/ u*, e o valor de proveniência de *unde*, que assume a forma *onde*⁶. Nesse passo, ambas as formas passam a co-ocorrer nas frases interrogativas e nas frases declarativas, inclusive em ambiente de articulação de orações. Dessa competição sai vencedora a forma *onde* sobre a qual passa a incidir o estatuto locativo físico, parafraseada por “em que lugar” ou “lugar em que”, como pregam as gramáticas codificadas e os manuais dos jornais *O Estado de São Paulo* e a *Folha de São Paulo*.

Do ponto de vista da análise sintática, há certo entendimento consensual entre os gramáticos a respeito da função de adjunto desse item⁷. Entretanto, do ponto de vista morfológico o elemento *onde* assume leituras as mais diversas, variando conforme a perspectiva tomada. É possível identificar pelo menos três diferentes interpretações, com base em três diferentes recortes. Se o foco é a subcategorização do verbo e os traços semânticos, *onde* será tratado como um advérbio de lugar; se o foco é o tipo de frase em que está inserido, será tachado de pronome interrogativo⁸; se se dá atenção ao tipo de estrutura sentencial, *onde* passa a ser visto como pronome relativo⁹. Essa diversidade explica as designações propostas pelos gramáticos: advérbio interrogativo (Cunha & Cintra, 1985:531; Rocha Lima 1982:301); pronome relativo (Cunha & Cintra, 1985:342), pronome relativo indefinido (Rocha Lima 1982:104), advérbio relativo¹⁰ (Almeida 1978:317) e advérbio conjuntivo (Almeida 1978:318).

⁶ Essas funções de *onde* já se acham presentes nas *Cantigas de Santa Maria*, texto galego-português do século XIII (Bittencourt, 2003).

⁷ Rocha Lima (1982) é um dos poucos gramáticos que reconhecem também a função argumental de *onde*.

⁸ Curiosamente, o socorro ao tipo de frase parece servir tão somente para classificar os pronomes interrogativos. Veja que a gramática normativa não menciona a existência de pronomes declarativos.

⁹ Quanto ao conteúdo semântico, um quarto recorte possível, *onde* é um elemento indefinido. Esta diversidade de leituras possíveis atinge todos os elementos q (“quem”, “quando”, “como”, etc.).

¹⁰ A designação ‘advérbio relativo’ é acolhida pela gramática portuguesa (Cunha & Cintra, 1985:532).

Essa miscelânea de designações se deve às propriedades do elemento *onde*, que, de um lado, exhibe o caráter de forma invariável quanto a gênero, número e pessoa, e, de outro, manifesta a referência a um lugar, podendo exercer a função sintática de adjunto ou de argumento circunstancial. A sua natureza invariável e o tipo de função sintática assumido são responsáveis pela leitura adverbial que as gramáticas lhe conferem. Essa primeira divisão, que carrega a tradição latina, não contempla uma segunda divisão, a saber, a função gramatical de articulação de sentenças como elemento pronominal relativo e interrogativo.

Neste trabalho, abriremos mão da leitura adverbial para concentrarmos a atenção no papel de articulação de orações. Procuraremos observar a variação no uso de *hu* e *onde* no português medieval e a mudança operada no século XV, assumindo que o contexto de relativa com antecedente propicia a abertura do processo de gramaticalização do item lexical *onde*, que passa a assumir diferentes interpretações. Na ausência de antecedente, as funções semânticas e sintáticas de *onde* se mantêm estáveis ao longo da história da língua.

2. A metaforização de *onde*

Entende-se por gramaticalização a mudança gradual e contínua do estatuto categorial das palavras, no sentido de que itens lexicais podem atualizar conteúdo essencialmente gramatical. Nesse sentido, o processo de gramaticalização, fonte geradora de elementos gramaticais, é um artefato descritivo e explicativo de fenômenos linguísticos sincrônicos e diacrônicos de caráter nitidamente teleológico.

A alteração dos padrões funcionais dos itens é resultante da interação de fatores pragmáticos e gramaticais (fonéticos, semânticos e morfossintáticos); as instâncias de gramaticalização são identificadas pelos seguintes parâmetros (Heine e Kuteva, 2007):

- reinterpretação contextual;
- perda de sílabas e propriedades suprasegmentais de um item linguístico;
- perda de traços do significado do item fonte e ganho de novos traços;
- perda de propriedades morfossintáticas do padrão-fonte e ganho de nova função.

A mudança gradual e contínua evoca a previsibilidade do processo, ou seja, as alterações seguem estágios predeterminados, de que decorre o caráter unidirecional da mudança, no sentido de que, ultrapassada uma etapa do processo, o item não retorna ao estágio anterior. Esses estágios

ou níveis de gramaticalização são apreendidos pelo seguinte ciclo (Hopper e Traugott, 1993):

(i) item lexical > (ii) item gramatical > (iii) clítico > (iv) afixo

Quanto mais à direita, maior é a desidratação semântica e a perda de substância fônica, ocasionando uma distribuição sintática diferente do item, que, em geral, passa a ocupar uma posição mais rígida. O verbo “ir”, por exemplo, usado como verbo pleno em “Vou ao cinema”, pode ser usado como auxiliar “Vou caminhar”. A perda de massa fonética pode gerar a leitura de clítico e, por fim, de afixo de tempo, número e pessoa alocado à esquerda do verbo “vôcaminhá”.

A mudança de significado de um item lexical, responsável pela geração de novos padrões funcionais, se apoia nos mecanismos metafórico e metonímico (Heine, 2003). A metáfora incide na transferência de significados do domínio cognitivo mais concreto para o domínio mais abstrato, seguindo uma escala hierárquica de categorias cognitivas, em que os elementos à esquerda podem gerar os da direita:

pessoa > objeto > atividade > espaço > tempo > qualidade

Aplicando a escala acima à palavra “frente”, observamos que esse item, usado inicialmente em referência à testa da pessoa (na forma “fronte”), por similaridade, pode identificar a fachada de um objeto (“frontispício”), descrever uma atividade (“colocar-se frente a frente”, “enfrentar”), indicar espaço (“na frente da igreja”), referir tempo (“mais pra frente a gente vai discutir X”) e, por fim, indicar qualidade (“o cara é pra frente”). A operação da similaridade é um processo cognitivo, em que sentidos abstratos são derivados de sentidos concretos, instaurando-se novo domínio conceptual. Trata-se de uma operação que ocorre no eixo paradigmático.

Diferente é o caso da metonímia, que atua não por raciocínio imagético, mas pela alteração da vinculação dos constituintes contíguos na sentença, sendo, portanto, estruturalmente motivada. A título de exemplificação, tomemos o item “logo” e a expressão “vai que” nas frases seguintes:

- (1) Ele não veio logo¹¹. Fui embora.
- (2) Ele não veio. Logo fui embora.

¹¹ O estágio inicial é lugar, uma vez que *logo* provém do nome latino *locus* (lugar). Por metáfora, adquiriu o valor temporal e o estatuto categorial de advérbio.

Em (1), “logo” explicita a noção temporal e tem, portanto, natureza adverbial; em (2) podem-se depreender duas leituras, uma temporal e uma conclusiva, a depender da pressão do contexto. A posição do item lexical, seguida de alteração prosódica, favorece a emergência de uma função conjuncional. O mesmo ocorre com a expressão “vai que”:

(3) Vai no Iguatemi que está em liquidação!

(4) Vai ____ que está em liquidação!

Em (3), “vai” é um verbo pleno e “que” é uma conjunção explicativa; (4) propicia essa mesma leitura, a despeito do apagamento do complemento circunstancial, mas também enseja, pela contiguidade dos elementos e alteração prosódica, a leitura hipotética “e se estiver em liquidação!”, em que “vai” e “que” formam um construto único. Duas orações se transformam em uma só oração, com leitura marcada. Esses exemplos mostram que a metonímia ou reanálise (para vários autores) atua no eixo sintagmático.

A operação metafórica responsável pela passagem espaço > tempo ocorre com os itens *hu* e *onde*. Entretanto, somente Zurara faz uso dessa operação para o 2º item:

(5) No mês passado acerca deste, **hu** sse começava o novo âno em Castella (CDJ, 103)

(6) ... caa hera jaa comtra a vella da menhã **omde** ho sono mais carrega aos homês (CDP, 346)

Dessa forma, a gramática de Fernão Lopes é menos inovadora que a de Zurara, tanto que o primeiro usa *onde* apenas nos casos em que o antecedente é locativo espacial físico (7), ao passo que o segundo dá tratamento mais dúctil a esse elemento, permitindo que seu antecedente seja espacial físico (8), imaterial (9) ou imagético (10). Há, portanto, uma tendência à regularidade no emprego de *onde* por Fernão Lopes, a qual é interrompida por Zurara¹², autor que dá ampla margem à variação no tipo de antecedente:

¹² Oliveira (2001) observou a atitude reguladora de Fernão Lopes na questão da queda do /d/ intervocálico. Enquanto Zurara desfazia o hiato criado com a queda desse elemento seja pela ditongação seja pela crase, Fernão Lopes mantinha apenas o hiato.

- (7) ...e chegou a Lixboa **homde** já achou muitos que viinhã ao sahimento. (CDJ, 14)
- (8) ... este allcaide foy em Portugal, **onde** lhe foy feuta muyta homrra e gramd mercê (CDP, 1085)
- (9) ...como achareys no rregimemto dos prymçipes, que [...] ledes e ouvis, **omde** diz [...] (CDP, 206)
- (10) Demtro dos ymfernos, **omde** nõ he all senão trevas... (CDP, 207)

Do ponto de vista metafórico, pode-se inferir que a gramática de Fernão Lopes manifesta apenas o uso locativo de *onde*, ao contrário da gramática de Zurara, que já permite diferentes interpretações. Em síntese, as propriedades semânticas de *hu* na gramática de Fernão Lopes se estendem para *onde* na gramática de Zurara, sinalizando uma grande mudança no uso desse item.

3. A reanálise de *onde*

O processo de metaforização de *hu* e *onde* se restringe aos contextos com antecedente. Em paralelo, assiste-se à progressiva substituição do locativo *hu* pelo também locativo *onde*, entre o final dos trezentos e meados dos quatrocentos. A implementação da mudança de *onde* é facilmente observada quando se traça o perfil estatístico deste item em contraposição a *hu* no português medieval.

	OE		CDJ		CDP	
	nº oc.	%	nº oc.	%	nº oc.	%
HU	93	65,49	30	13,22	01	0,30
ONDE	49 ¹³	34,51	197	86,78	332	99,70
Total	142	100	227	100	333	100

Tabela 1: Total geral de *hu* e *onde* nos três textos analisados¹⁴

¹³ Na verdade, *onde* tem 356 ocorrências no *Orto do Esposo*, aparecendo em 296 casos como introdutor de referência na fórmula: "*Onde* diz", "*Onde* conta". Veja o exemplo: *Onde* diz o salmista: A alma deles auorreceo toda uiãda e chegarõ ata as portas da morte. (OE, 78)

¹⁴ Foram computadas apenas as ocorrências não repositionadas.

O locativo *hu* no Orto do Esposo (OE) não exibia funções discursivas, mas apenas sintáticas, atualizando diferentes funções morfológicas, como pronome interrogativo ou pronome relativo (com e sem antecedente):

- (11) Molher, **hu** te vaas? (OE, 4)
- (12) E leuou-o ao rrefortoyro, **hu** comê os frades (OE, 331)
- (13) ...e Sancto Ciriaco entrou **hu** estava a filha do enperador (OE, 11)
- (14) Ora veede **hu** som as rodas do curso da minha vida (OE, 148)

O locativo *onde* com função sintática no mesmo texto tem baixa frequência e está limitado à sentença relativa com antecedente (15-16). Predomina a função discursiva, atuando como marcador discursivo e como operador lógico como *então, bom, pois, portanto, por sua vez, de modo que* (17-22):

- (15) E ella, quando ueo ao luguar **onde** auia de seer degolada, fez oraçõ a Deus (OE, 3)
- (16) ...foy leuado o spiritu delle a huu loguar de torm~etos, **onde** antre as outras cousas viu h~u~u clérigo ... (OE, 222)
- (17) **Omde** aconteceu que huu demo serua a huu homê rico ê semelhança dhuu domê. (OE, 317)
- (18) **Omde** aquelle grande doutor Gregorio Nazareno, trautando de fugir da cura de pastor das almas, diz assy:... (OE, 268)
- (19) Da parte [d]a alma somos ê este mûdo como ê Egipto de treevas, **onde** somos feridos cõ muytas chagas. (OE, 121)
- (20) E da parte das coussas que nos som sugeytas somos ê grande periigo e ê muytos males, ca todas as cousas som a nos laços, **onde** podemos dizer uerdadeyramête que comemos [e bevemos] e vestimos laços. (OE, 123)
- (21) Tomade a espada do spiritu, que he a palaura de Deus. **Onde** os sanctos homees e os monges antygos grande cuydado ouuerõ de teer liuros das Sanctas Scripturas, per que o poderio do diaboo he destroydo (OE, 42)
- (22) Outrossy, o surdo pode melhor ouuyr co o ouvydo de alma, **onde** muytas vezes aquelles que orã em silencio, querendo ~etender ssy meemos, çarrõ as orelhas cõ suas mããos (OE, 159)

Nos textos quatrocentistas, o locativo *hu* perde em frequência e passa a competir com *onde* na função de articulador de orações:

- (7) ...e chegou a Lixboa **homde** já achou muitos que viinhã ao sahimento.
(CDJ,14)
- (23) ...nom podia hir **homde** ell pousava. (CDJ, 11)
- (24) ...e lhe preguntou **omde** era seu irmão (CDJ, 156)

Na articulação de orações em que não há intercorrência de antecedente, *onde* se estabiliza com o valor semântico locativo [+ físico], (23-24). Entretanto, a presença de um antecedente nominal é forte condicionante da operação metafórica (6) e da operação metonímica observada nos exemplos a seguir:

- (25) ...e sobreveo Pero Rodriguez que acorreo aaquelles escudeiros, **omde** já estavom pera seerem mortos ou presos (CDJ, 172)
- (26) E vemdo dom Joahm como aquelles vinham trabalhados, volveo-se com hos mouros, **omde** matarã logo sete, e dos nossos morreo hu.
(CDP, 500)
- (27) ordenou que dom Pedro me pedisse este emcarrego, **omde** pellos outros hera rrefusado. (CDP, 207)

Nesses exemplos o antecedente não apresenta traço locativo, assinalando um estágio avançado no processo de gramaticalização, pois a partir daí *onde* perde o propalado caráter adverbial e passa a desempenhar a função de sujeito (25/27) e de complemento partitivo¹⁵ (26). Entretanto, a considerar o regular uso locativo de *onde* em Fernão Lopes, há que se revisitar o exemplo (25). Mais do que ter como antecedente o sintagma "aqueles escudeiros" e assumir função de sujeito, *onde* se vincula a um elemento locativo implícito, complemento do verbo "acorrer", contexto que favorece a reanálise do item que relaxa o elo com um elemento locativo e passa a se associar inclusive com elementos de traço [+/- pessoa], acionando novas funções sintáticas.

4. Dialogando com o PB

Os dados do português medieval apresentam uma diversidade de contextos de realização de *onde* também observada no português atual, com antecedentes de natureza semântica variada e assumindo diferentes

¹⁵ Na *Demanda do Santo Graal* encontram-se exemplos de *onde* como complemento do verbo *falar*: "[...] e fiz tanto de armas que o venci e assi é preitejado comigo que ja mais nom saia da minha prisaam ataa que me mostre aquel cavaleiro *onde* me tanto falou". (DSG, 70).

funções sintáticas. Apesar dessa diversidade, o uso locativo propriamente dito não perdeu seu espaço, sendo bastante produtivo no PB contemporâneo, como mostram os dados de resumos de teses e dissertações utilizados nesta análise. Isto é, não há uma substituição, mas a ampliação do uso do item linguístico:

- (28) Esse fator encaminha para a superação de parte das deficiências na infra-estrutura instalada na região Noroeste do Estado de Mato Grosso do Sul, **onde** reservas de minério de ferro e manganês são conhecidas desde a segunda metade do século XIX e **onde** estão localizadas duas empresas [...].

Além do sentido concreto, *onde* pode também associar-se a elemento não locativo, em uma relação abstrata de referência:

- (29) Após acreditar que o Messias viria do Brasil, depois de sua prisão nos cárceres do Santo Ofício da Inquisição, iniciou um processo psicológico, **onde** acabaria por declarar-se Messias [...].

Em textos escritos produzidos por indivíduos cultos há um uso intenso do item como locativo abstrato. Nessa função, muitas vezes torna-se difícil a identificação do antecedente por haver mais de uma possibilidade de interpretação. Em (30), *onde* pode se referir a “televisão”, ao ato de “educar através da televisão”, ou ainda ter como antecedente a “construção simbólica e prática da cidadania”. Em (31), podem ser antecedentes tanto a “formação” quanto o “sistema fragmentado de ensino”:

- (30) Num momento de consolidação da democracia na América Latina, entende-se educar através da televisão como construção simbólica e prática da cidadania, **onde** produtores e receptores dialogam e se reconhecem como sujeitos do mesmo processo social.
- (31) Somado a isso, pode-se adicionar um outro fator que é a formação inicial precária do professor, formação esta calcada num sistema fragmentado de ensino, **onde** ainda prevalece o esquema tradicionalista de transmissão de conhecimentos.

Nessas construções a referência se estabelece não de forma ambígua, mas radial. Assim como pode remeter a um ou outro de seus

possíveis antecedentes, *onde* pode também referir-se a todos eles simultaneamente (31). Nesse tipo de contexto pode ser substituído por outro item linguístico, como ‘em que’, sem acarretar mudança de interpretação. Esse caráter radial não é, portanto, um ‘problema’ referencial do conectivo analisado, mas uma propriedade sua.

O uso atual licencia também contextos em que *onde* pode alternar com locuções preposicionadas diferentes de ‘em que’. Exemplo disto é o dado em que aparece associado a conceitos diversos (como religião, culinária e música) representados em um esquema cuja legenda encontra-se transcrita em (32). As formas correspondentes adequadas para substituição em (32) e (33) seriam “a que” e “com o qual”, respectivamente:

(32) Figura I - **Onde** atribuímos a palavra cultura

(33) Talvez a polícia brasileira deveria começar com **esse** procedimento, **onde** as cadeias seriam mais organizadas, sem esquecer que mais justas.

O Português Medieval já registrava esse uso com antecedente abstrato. Além disso, exercia a função de sujeito sintático, como mostramos em (26) e (27), reanálise que também é observada no PB. Nesse uso, menos frequente, ocupa o lugar do relativo não preposicionado ‘que’:

(34) Em uma entrevista com o sociólogo François Dubet (Dubet, 1997), **onde** após vários contatos com professores resolve verificar se as reclamações dos mesmos sobre seus alunos eram pertinentes lecionando em um colégio por um ano.

(35) Verificou-se que o mestrado era visto como um espaço de legitimação do saber e de ser trabalho intelectual, para conquistar reconhecimento que não encontrava na assistência, **onde** era desprestigiada e o espaço acadêmico era idealizado como algo que traria prestígio e poder, sendo coping para lidar como trabalho.

A amostra analisada revela que as construções com *onde* no PB guardam semelhança com as encontradas em Zurara, as quais apresentavam variação, e não apenas o *onde* locativo. Em ambas as variedades, identificamos o item em etapas mais gramaticalizadas, vinculado a antecedentes de semântica diversa, com múltiplas funções

sintáticas, inclusive a de sujeito, confirmando a hipótese da hierarquia de funções relativizadas [SUJ > OD > OI > OB], segundo a qual a estratégia usada para relativizar a posição de funções mais baixas deve servir para relativizar posições superiores (Keenam & Comrie, 1977). Ressalta-se, portanto, duas principais características de *onde* presentes nas duas variedades do português: a estabilidade do valor locativo nas orações sem antecedente, e a hierarquia das funções enquanto pronome relativo com antecedente.

Conclusões

Ao longo do presente estudo buscamos descrever e analisar o comportamento de *onde* no português medieval e atual. A multiplicidade de usos desse elemento linguístico mostra que, do ponto de vista semântico, pode ocorrer associado a antecedentes de natureza variada, não apenas locativos, mas temporais, humanos, conceituais, etc. Consequentemente, suas funções sintáticas são também ampliadas, podendo assumir a função de objeto indireto, complemento nominal e sujeito, extrapolando, portanto, a função de adjunto adverbial postulada pela Gramática Normativa.

A expansão do uso para além do valor locativo é decorrência do processo de gramaticalização, que permite ao elemento assumir traços semânticos menos concretos ou materiais, e, no caso de *onde*, associar-se a elementos mais abstratos, gerando a possibilidade de variação. O processo em questão é desencadeado pela existência de contextos em que o antecedente se atualiza em posição distante do relativo na sentença, ou se encontra implícito no texto. Esses fatores propiciam a associação com outros elementos da sentença, linearmente mais próximos ou explícitos. A leitura ambígua desses contextos gera novas interpretações indutoras da reanálise do item, que continua a existir, mas passa a operar de forma distinta – ou melhor, ampliada.

A semelhança de funções semânticas e sintáticas de *onde* no PM e no PB não implica na equivalência plena entre as duas fases da língua, ainda que, nos dois períodos da análise, seja possível identificar usos de *onde* que se encaixam em todos os momentos da escala de gramaticalização. Também não se pode afirmar que o PB dê continuidade ao processo de gramaticalização iniciado no medieval, pois, se o processo é unidirecional, deveria induzir à mudança do item, o que não se verificou. A justificativa para a não-implementação de mudança parece residir na simultaneidade de variação e estabilidade do item (Cf. Tarallo, 2002, p. 83), exemplificadas por dois tipos de contexto, com (36) e sem antecedente (39):

- (36) A gaveta **onde** coloquei os brincos.
- (37) Não lembro **onde** coloquei os brincos.
- (38) **Onde** estão os brincos?
- (39) Perguntei **onde** estão os brincos.
- (40) **Onde** quer que estejam os brincos, estão bem guardados.

A presença de antecedente possibilita interpretações ambíguas condicionadoras de variação, as quais, por sua vez, induzem ao processo de gramaticalização. Contudo, o *onde* sem antecedente (37-40), essencialmente locativo, funciona como uma âncora, permitindo que o processo se retroalimente, não sendo propício nem a metaforização, nem a reanálise. A única mudança possível seria a substituição do item, como ocorreu com o *hu* medieval.

Os dois contextos (com e sem antecedente) e o modo como se relacionam permitem a coexistência das forças operantes em dois tempos diferentes, passado e presente, confirmando o princípio de uniformidade proposto por Labov (1994). Deste modo, *onde* não apenas se gramaticalizou, mas se regramaticaliza constantemente, renovando-se e adaptando-se ao processo sintático-semântico a que está sujeito.

Referências

- ALMEIDA, Napoleão. *Gramática metódica da Língua Portuguesa*. 27^a. ed. São Paulo: Saraiva, 1978.
- BITTENCOURT, Vanda de Oliveira. "Variação e mudança no português arcaico: um antigo e novo onde nas Cantigas de Santa Maria". *SCRIPTA*. Belo Horizonte, v. 9, n. 18, 1^o sem. / 2006, pp. 178-192.
- BONFIM, Eneida. "Variação e Mudança no Português Arcaico: o Caso de *U* e *Onde*". *Revista Palavra* - PUC, Rio de Janeiro, v.1, 1993, pp. 96-119.
- CUNHA, Celso & CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, 2^a. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DINIZ, Maria Lúcia. O curinga *Onde* na produção do texto escrito. Anais do XXVI Seminário do GEL. Taubaté, 1997, pp. 482-488.
- EDITORA ABRIL. *Manual de estilo Editora Abril: como escrever bem para nossas revistas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- FOLHA DE SÃO PAULO. *Manual de Redação Folha de São Paulo*. São Paulo: Publifolha, 2001.

KEENAN, Edward L. & COMRIE, Bernard. "Noun phrase Accessibility and Universal Grammar". *Linguistic Inquiry*, vol. 8, n.º 1, 1977, pp. 63-99.

KEWITZ, Verena. A gramaticalização de *onde*. Projeto de Pesquisa.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*, vol. 1. Oxford: Blackwell Publishers, 1994.

_____. *Padrões Sociolingüísticos*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

NEVES, M. Helena Moura. "A gramaticalização e a articulação de orações". In: *Estudos Lingüísticos*, São José do Rio Preto, v. 27, 1998, pp. 46-56.

OLIVEIRA, Marilza de. "Mudanças fonológicas explicam o enfraquecimento da morfologia verbal no PB?" *Boletim da Abralin*, vol. 26, n.º Especial, 2001, pp. 455-457.

_____. *O papel da margem esquerda da sentença na formação da língua Portuguesa*. Tese (Livre-Docência) — FFLCH / USP, 2002.

_____. "Estratégias de relativização e tipologia anafórica: um caso de aprendizagem formal". In: CASTILHO, Ataliba T. de et alii (orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. Pontes/FAPESP: São Paulo, 2007, pp. 687-699.

_____. "Uma proposta para a origem do morfema relativo *que*". *Revista Domínios de Linguagem*, Ano 1, n.º 1, 2007.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. "Os caminhos do *onde*: uma contribuição da semântica ao ensino de língua materna". In: GRIMM CABRAL, Loni & GORSKI, Edair (orgs.). *Língua e Ensino. Reflexões para a prática pedagógica da língua materna*. Florianópolis: Insular, 1998, pp. 147-162.

RIBEIRO, Priscilla Barbosa. Estudo sobre o conectivo *onde* e seu emprego em textos escolares. Trabalho de Iniciação Científica. FFLCH / USP, 2005, ms.

ROCHA LIMA. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 22ª ed., Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1982.

SANTOS SILVA, Hosana et alii. Variação e mudança: onde está o dito "cujo"? Trabalho de graduação no curso de Sintaxe. FFLCH / USP, 2001, ms.

SOUZA, Eneida. *A multifuncionalidade do onde na fala de Salvador*. Tese (Doutorado) — UFBA, Salvador, 2003.

TAIT, Breno; PEREIRA, Daniel; NOTARI, Isaldo e PEN, Jaqueline. Ende-o vocábulo no texto *A Demanda do Santo Graal*. Trabalho de graduação no curso de Filologia Portuguesa. FFLCH / USP, 2006, ms.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 7ª edição. São Paulo: Ática, 2002.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William & HERZOG, Marvin. *Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006. Tradução do texto original de 1986.

Amostra do Português Medieval

LOPES, Fernão. *Crônica del Rei dom Joham I*, Parte Primeira. Reprodução facsimilada, preparada por Anselmo Braancamp Freire. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1977.

MEC / INL. *Orto do Esposo*. Edição crítica de Bertil Maler. Rio de Janeiro: MEC / INL, 1956.

ZURARA, Gomes Eanes. *Crônica do Conde D. Pedro de Meneses*. Edição de Maria Teresa Brocardo. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian / JNICT, 1997.

Resumo

O presente estudo tem como objeto o *onde* como conector de orações em textos produzidos no Português Medieval e no Português Brasileiro. A partir de uma análise quantitativa e qualitativa, buscaremos verificar os contextos de realização do item e descrever suas características semânticas e funções sintáticas, comparando os resultados obtidos para os dois momentos da história da língua portuguesa. Para tanto, aliamos os pressupostos teóricos da gramaticalização e da sociolinguística variacionista laboviana.

Palavras-chave: locativo, orações, variação e mudança, gramaticalização

Abstract

The present research analyzes the use of *onde* (*where*) as a clause connector in Medieval Portuguese texts and contemporary written Brazilian Portuguese. Based on quantitative and qualitative analyses, we intend to check the contexts of use of *onde* and to describe its semantic characteristics and syntactic functions, comparing the results obtained for two far apart moments in the history of Portuguese. The analysis is based on the framework of the Gramaticalization Theory and the Labovian Sociolinguistic Variation Theory.

Keywords: Locative, clauses, variation and change, grammaticalization